



## **AS FALENAS DA ESQUINA: NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE A PROSTITUIÇÃO TRAVESTI EM SOBRAL/CE**

Autora: Ivaldinete de Araújo Delmiro Gémes

*Universidade Estadual Vale do Acaraú UVA, [ivaldinetedelmiro@gmail.com.br](mailto:ivaldinetedelmiro@gmail.com.br)*

Este artigo é um estudo acerca de um grupo de travesti da cidade de Sobral. Busquei compreender os dilemas das travestis que trabalham como prostitutas na Esquina da Ordem. O objetivo é investigar a prática da prostituição travesti. É interessante lembrar que existem poucas pesquisas que abordam a temática da prostituição travesti e que discutam as práticas, as performances corporais e os jogos sexuais que envolvem as relações homoeróticas nas áreas periféricas da cidade de Sobral. A Esquina da Ordem é um território expresso através de dois aspectos. O primeiro se refere um determinado espaço geográfico que é o geofísico uma Avenida do Contorno que se encontra com a Rua Dr. Arimatéia Monte e Silva. Esta esquina está situada no Bairro Parque Alvorada. O segundo é espaço observado como um território permeado pelas práticas simbólicas. Há diversos locais de compreender a prostituição. Quando pensei este locus como campo de pesquisa foi devido aos limites de preservação demarcados pela ritualidade da prática da prostituição Travesti. Na clandestinidade da noite observei dimensões da prática da prostituição travesti feminina na Esquina da Ordem como teatro da vida. E como se instaura as relações de interesses entre as travestis e seus clientes. Aqui utilizo o conceito de Wacquat de bas-fonds, lugares suspeitos cercados profanidades. Nesta lógica o território torna-se um poço de perdição moral. Significa um tipo de aviltamento do local, é um território maldito e mal visto. Um território onde se propaga a desonra moral e corporal através das marcas das diferentes tribos.

**Palavras- chave:** travestilidade, Queer, prostituição, corpo.

O Presente artigo é resultado de um estudo sobre o cotidiano de um grupo de travesti feminina da cidade de Sobral. Nele busquei compreender um momento da trajetória de um grupo de travesti que vivencia algumas experiências de trabalho/prostituição na esquina da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), localizada no Bairro Parque Alvorada. O objetivo é investigar as repercussões e representações da prática da prostituição para as travestis. É interessante lembrar que existem poucas pesquisas de campo que abordem a temática da prostituição travesti e, que discutam as práticas

sexuais, as performances e os jogos sexuais envolvendo as relações homoeróticas e heteroeróticas em áreas periféricas da cidade de Sobral. A Esquina da Ordem é um território aqui definido através de dois aspectos. O primeiro se refere ao aspecto geofísico, um determinado espaço que se inicia em um cruzamento da Avenida do Contorno com a Rua Dr. Arimatéia Monte e Silva. Esta esquina está situada no Bairro Parque Alvorada, fica localizado na zona Noroeste da cidade de Sobral/CE (fica situada a 255 km de Fortaleza). É um Bairro residencial, mas que tem um espaço para a prática do comércio e de



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

outras modalidades. Atualmente a população desse bairro está em torno 20.000 habitantes.

O segundo aspecto diz respeito a um tipo de espaço que é observado no aspecto relacional, como um território permeado pelas práticas sociais e simbólicas e pelos conflitos entre os sujeitos da pesquisa. Há muitos modos e locais de entender e prostituição. Quando pensei este locus como campo de pesquisa foi devido aos limites de preservação demarcados e revelados pela ritualidade da prática da prostituição Travesti. Este território aparece aqui como um lugar que privilegiei para observar, entrevistar e conversar com as travestis nas noites quentes de Sobral.

Na clandestinidade da noite pareceu-me interessante observar quais as dimensões da prática da prostituição travesti feminina de Rua, ou seja, da esquina da ordem protagonizada como teatro da vida pelas travestis. E como se instaura as relações de interesses sexuais/financeiros entre as jovens travestis que e seus clientes. Pode-se, aqui, tomar por empréstimo o conceito de Wacquat (2002) de bas-fonds ou de lugares suspeitos cercados por uma área sufurosa. Nesta lógica conceitual a esquina da Ordem torna-se um poço de perdição social e moral. Significa um tipo de aviltamento do local, é um território maldito e mal visto. Um território onde se propaga a desonra moral e corporal com os efeitos das marcas distintas dos sujeitos e das tribos.

Ao reconhecer que tal espaço tem implicações diretas nas atividades de prostituição travesti e nas representações de tais atividades,

cumprir-se desde já apontar ao leitor outro conceito similar ao de bas-fonds, o conceito de espaço profano que adquire uma significação na análise de Arrais (2004:11) como aquele espaço não cristalizado, ou seja, este espaço aparece como parte constitutiva da dinâmica das relações sociais entre as pessoas que por sua vez, constroem e reconstróem os lugares em múltiplos interesses e vontades.

O campo de observação foi construído a partir das práticas e as trocas elaboradas em um espaço público (esquina de uma rua) pelas jovens travestis que reinventam uma expressividade demonstrando códigos não cristalizados do “ser” prostituta e do “ser” travesti. Trata-se de um universo social qualificado por uma trama específica de relações corporais, afetivas, sexuais, profanas, econômicas e culturais que singulariza a questão das representações coletivas da experiência de trabalho e da cartografia simbólica desse espaço social.

Geralmente, quando adentramos no campo de pesquisa à emoção aflora de várias formas. Na acepção lata o fazer o contato com o “outro” é tudo que parece mais complexo e interessante. As vivências em campo tornaram algo diferente. Os aspectos, os traços distintos dos atores sujeitos pesquisados, pareciam-me um retrato colorido que eu precisava observar conhecer e interpretar.

A delimitação do campo, a “Esquina da Ordem” foi valorizada como um espaço privilegiado nos aspectos humanos e metodológicos. É um espaço que faz fronteiras visíveis e in (visíveis) com outros espaços sociais e



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

geográficos. Fica próximo à minha casa, do meu mundo social, de minha condição humana e ao mesmo tempo distante do meu universo de escolhas reais.

Assim privilegiei os critérios de valorização do humano, do diferente de mim. Tive a atitude de respeito e considerei o lugar de trabalho e de experiências diversas. Nesse momento fazer a pesquisa de campo não era (a meu ver) uma intromissão ou bisbilhotagem, mas um momento de intermediário entre o campo da pertença e o campo da compreensão do significado dessa construção social e simbólica nas experiências das jovens travestis femininas.

Neste contexto senti-me, às vezes, calma e segura para pesquisar: Eu saí de minha cabana para visitar o “outro”. Fiz o caminho com a ritualidade, emoção e com sensação de achar o vivido ou a convivialidade da fala, do riso, do deboche, da excitação, dos sonhos, do medo, do brilho e dos movimentos criados ou construídos pelos corpos a partir dos tempos e dos segredos da noite. Para Nietzsche (1984, p.23):

O cientista constrói a sua cabana junto à torre da ciência para poder ajudá-la e para encontra proteção para si própria. E necessita desta proteção porque existem forças temíveis que continuamente exercem pressão sobre ele e que põem à verdade científica de uma espécie totalmente diferente, dos tipos mais heterogêneos.

Neste sentido, a construção da cabana o estudo se propôs a investigar as práticas da prostituição foi feita nas redes do discurso e serviu como

procedimento metodológico. Abri as janelas da cabana para as conversas e entrevistas. No jardim dessa cabana fiz a análise dos discursos e na porta da frente fui organizando a observação direta da rua ou Esquina da Ordem.

Neste percurso metafórico, eu pude construir através da bricolagem o jardim do fazer etnográfico.

No estudo, ao tecer reflexões sobre a prostituição, construiu-se uma análise sobre o cenário da Prostituição Travesti na rua e as questões que parecem influenciar no processo de consolidação dessa prática no cotidiano da cidade de Sobral-CE. Desta forma foi realizada uma revisão teórica com a tentativa de elucidar discussões sobre o objeto de estudo.

Assim, possibilitou-nos elaborar uma análise a partir da compreensão de que a prática da prostituição é aqui interpretada como um produto de uma relação direta com a experiência de subjetivação cotidiana dos indivíduos que atuam nesse contexto social específico. Daí a escolha do objeto ser um pequeno grupo (06) de travestis de camadas pobres da cidade, que durante um determinado tempo, já vivenciavam na rua a condição de prostitutas.

No decorrer da pesquisa, foi realizada uma descrição densa do processo de reconhecimento do espaço e das suas particularidades: cotidiano/atividades, focalizando uma experiência de pesquisa interpretativa sobre os aspectos relevantes do cenário e dos personagens envolvidos. Busquei estes sujeitos na Esquina da Ordem como meio de identificação e seleção de jovens travestis que partilham das experiências comuns de fazer os



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

programas/trabalhos e dividir o espaço ou território. Estar com as meninas quis dizer observá-las conversar com elas para compreender algumas práticas de sua identidade e corporeidade.

De fato pesquisar a vivência a partir das práticas e dos discursos dos sujeitos, significou operacionalizar as questões de gênero, inclusive, no elucidar os apontamentos relacionados às possibilidades no universo da sexualidade humana. Pois para Mirian Grossi (1992, p.34):

Apesar da diversidade destas experiências alguns pontos parecem recorrentes na maior parte dos trabalhos: a angústia decorrente do contato com o “outro”, a problemática da “sedução” mútua no trabalho de campo, a preocupação com o “mito do antropólogo assexuado” que parece mais presente no relato das antropólogas, as complexas relações de poder que se estabelecem entre “nativos” e pesquisador, a dimensão política do trabalho do antropólogo em contato com grupos “marginalizados”, e as ambiguidades dilacerantes com as quais os pesquisadores se defrontam no momento de “escrever sobre os outros”.

O único ponto fraco dessa pesquisa é que ela foi realizada no campo de trabalho das travestis. Este fato colocou-me de frente para meu dilema real, como a necessidade de conversar ou dialogar no momento da abordagem dos clientes, no tempo de trabalho e realização das trocas e diálogos. Nesse momento de conflito fui buscando negociar o meu lugar de

pesquisadora, de mulher, de negra, militante orgânica.

Nesse momento falei de minhas escolhas sexuais, do meu mundo, da ética de minha militância e do imenso universo das escolhas humanas. Daí eu percebi, que tinha conquistado a senha de entrada: o olhar, o sorriso, o grito gestual de aceite, as performances daquelas meninas afirmando que eu era bem vinda ao mundo da noite.

É eu vou logo dizendo que eu detesto as fofoqueiras, sou contra as curiosas. É porque todo mundo quer saber de nossa vida. (Pausa). Só um minuto (joga os cabelos longos e negros para trás). Acho que a mona é bem diferente. Sinto uma coisa boa em você. Seu modo de falar com a gente. (risos). Ah você tem que ver como outras pessoas nos olham. Fico toda armada. Mas com esse seu estilo mulher, tu deve ser muito autêntica. Pode ficar descansada que conversaremos muito. (Grito e risos). Bem gostei de tu, teu jeito diferente. Sei lá, é uma mona demais, despachada e muito tranquila.

Escrever sobre a prostituição é desenredar o complexo nó que me distanciava das meninas da Esquina. É recorrer aos códigos de convivência humana, ao mesmo tempo, é como sentir a textura de nossas ansiedades durante o encontro com “o outro”. A abordagem na Esquina foi, às vezes, baseada na mera existência e na construção da empatia entre eu e o “outro”. Em determinado momento surpreendi-me com esta aceitação. Veja esta nota do caderno de campo.

Ei mulher, vem, pode se aproximar e falar, gosto desse seu jeito de vestir e



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

de falar. Eu já tinha lhe visto antes. A senhora lembra uma tia minha. Como você é chique, colorida e ao mesmo tempo tão real, a senhora tá demais. É chique, linda e não é mala como o povo daqui. É educada e tem esse jeito de ser gente boa. Vamos conversar enquanto os bofes não chegam, tá?

Para realização da pesquisa recorreu-se a observação das práticas, das conversas e das trocas simbólicas. As conversas foram realizadas no início da noite 20h00minhs e prosseguiram até de Madrugada (02h00min horas). Muitas vezes estes diálogos foram entrecortados com a chegada ou aparição dos sujeitos sociais (homens/clientes ou fregueses) das travestis. O discurso narrativo foi compreendido através da análise de discurso que auxiliou na interpretação das histórias de vida de cada sujeito.

Em alguns dias os procedimentos da observação da atividade da paquera ou do programa foi bem interessante. Eram 22.15m da noite de uma terça feira de julho, o homem cliente/freguês se desloca pela Avenida em seu automóvel, quando percebe que eu estou observado, passa cumprimenta as meninas, conversa, mas não acerta logo o programa. Eu sigo as sequências de movimentos desse cliente no processo da paquera. Percebo os gestos que parece ser modelares da paquera na rua.

O cliente passa e segue em direção ao quarteirão. Eu continuo no posto de observação e converso com uma colega de trabalho que reside nas redondezas. O cliente reaparece e dirige em direção do grupo. São três meninas travestis. Ele para o carro

diante delas e faz um sinal. Vem um olhar, um gesto, uma paquera e depois ele se retira sem sair de dentro do carro. No terceiro momento este cliente resolve voltar.

O registro dos movimentos de aproximação de cliente e travesti é um fato recorrente, que tomo nesta análise como uma troca das mais complexas e inquietantes. Eu observo que o toque do corpo pelo cliente não acontece na rua, isto é muito raro de ocorrer, por vezes um leve beijo ou toque nos cabelos, enquanto faz o cortejo.

A observação do campo de pesquisa possibilitou a compreensão da dificuldade de adentrar nas questões relativas à sexualidade na dinâmica da prostituição, bem como por tratar de vida sexual de cada pessoa, requerendo um longo período de tempo. Nesse sentido percebe-se que a observação realizada na Esquina da Ordem possibilita a compreensão dos dilemas e das dificuldades de abordar as questões relativas à vida, ao corpo, à subjetivação, ao trabalho e à sexualidade no processo real da prostituição travesti na cidade de Sobral, bem como por tratar de assuntos íntimos das travesti, requerendo um longo período de tempo. Além desta questão, houve limitações na minha aproximação ao objeto investigado, ou seja, entrevistas que não foram possíveis realizá-las.

Em alguns momentos da observação, a Esquina estava vazia. Aí são revelados certos procedimentos de retiradas das meninas para outros programas ou por motivos de saúde. Também devido a defensiva pelo território da prostituição. Essa defensiva na prática é bem cruel. O território é defendido



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

da invasão ou aproximação de pessoas nas imediações que queiram fazer o mesmo tipo de programa ou trabalho. A possibilidade de briga é bem evidente quando outra menina quer ultrapassar o limite demarcado pelas travestis.

Os procedimentos de defesas do território são bem claros, nada de sutilezas. Elas me revelaram, por exemplo, quando alguém quer se fazer de besta apanha até sangrar. No mês de junho pela manhã foi encontrada uma travesti que se prostituía na rua com sinais de espancamento, muito ferida. Contaram os seus colegas que a briga foi fruto de rixa ou disputa pelo território de trabalho.

As conversas que tive com uma das meninas foram bem marcantes. Uma travesti que chamarei de Carmem, foi visitar-me e pedir ajuda. Toda vez que ela terminava os programas da noite passava lá em casa. Era seu caminho, morava ali pelas redondezas do Bairro Alto da Expectativa. Contava com 20 anos de idade. Estava muito magra e no primeiro dia pediu ao meu companheiro dinheiro, Como ele lhe ajudou voltou outras vezes.

À medida que fui oferecendo ajuda (conversa, comida e as vezes dinheiro) ela fez mais contatos se aproximou e passou visitar-me ocasionalmente e durante certa visita em uma manhã de domingo relatou sua vida, antes de se fixar como garota de programa na cidade de Sobral. Veja a narrativa:

Eu já sofri muito na vida. Eu comecei esta vida logo cedo. Tia é tão ruim ser assim, a gente sofre muito. Eu já fui até queimada quando estava trabalhando em Fortaleza (levanta-se da cadeira e mostra as marcas da pele

da coxa toda deformada pelas queimaduras de 3º grau). Eu agora estou deixando o vício, estou limpa, mas é bem difícil, os rapazes daqui bate na gente, às vezes não paga os programas. Juro tia eu não estou usando mais a pedra. O dinheiro é para eu comprar as minhas coisas. Eu hoje estou muito cansada é muita pressão. A gente é muito mal vista. Todos mexem com a gente. A senhora é diferente deixou eu entrar em sua casa, é bom conversar com a senhora. (entrevista com Carmem, em 13 de maio de 2014).

Essa vida de dor que descobri na fala e no corpo de Carmem pôde ser registrada nas outras vidas das meninas da Esquina Ordem. A vulnerabilidade da vida de trabalho na rua é revelada na cumplicidade entre a pesquisadora e as meninas: “Muitos dos bofes querem fazer o babado sem preservativo, eu cobro mais, mais o meu risco é muito e a vida do outro também é um risco (riso)”. É importante lembrar que o sofrimento aqui vem recheado com a pulsão de destruição e preservação. A vida na esquina transforma-se em uma roleta russa a partir da coexistência entre o medo de adquirir o HIV e a agressividade de ser uma portadora em plena atividade sexual. Esse fato é um segredo quase tangível para os seus clientes

A escolha dessa temática ocorreu devido ao meu interesse de debater sobre uma problemática que envolvesse as relações de sexualidade e de gênero. Outro motivo foi no processo de criação do Grupo de Estudo e Pesquisa Interdisciplinar Sexualidade, Saúde e Gênero



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

(GEP/ISS/Gênero) no ano de 2012, no Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

De acordo com as observações de campo constatou-se que a presença das Jovens travestis na Esquina da Ordem em Sobral acontece em horário noturno. É durante a noite que pude observar alguns aspectos da “inteligibilidade de gênero” que demarcam a vivência cotidiana da prostituição travesti na cidade de Sobral. Pois, é fundamentalmente no tempo noturno ou no tempo de trabalho noturno em que se pode observar pesquisar e compreender a prostituição das jovens travestis em seus aspectos concretos e simbólicos.

O que chamo de tempo noturno, neste artigo, é aquele tempo revestido de sentidos múltiplos. É o tempo organizado na produção das atividades dos corpos. O tempo dos acontecimentos estranhos e esquisitos daqueles que vivem na sombra da ordem. O tempo da abjeção que é assim definida, como “coextensiva à ordem social e simbólica tanto no nível individual como do coletivo” (KRISTEVA, 1982, p. 68). É exatamente o tempo do disfarce, da montagem dos sujeitos que se transformam. É o tempo da regra quebrada, da subversão da ordem, do despertar e do brilho do ser abjeto mostrar-se incluído no mundo. Pois o abjeto é entendido como:

O abjeto tem apenas uma qualidade do objeto – a de ser oposto ao eu. Se o objeto, através de sua oposição, coloca-me dentro da frágil textura de um desejo por significado que é abjeto, ao contrário, o objeto alijado, é

radicalmente excluído e me lança ao lugar que o significado entra em colapso. (KRISTEVA, 1982, p.1).

É bom ressaltar a que a dimensão performativa vivenciada pelos sujeitos na experiência do trabalho da prostituição e em várias formas e ativações dos sentidos. Considerando aqui que a dimensão performativa é experienciada no corpo dos sujeitos. A noção de performance de Zumthor (2000) é elaborada a partir do engajamento do corpo. Este processo de engajamento ocorre através de uma percepção sensorial.

Neste tempo os sujeitos sociais reinventam o corpo em uma atitude de Ser, em um espaço das trocas mercadológicas e simbólicas. Sobre os corpos abjetos aponta Benedetti (2005, p.43) “Dentre os corpos abjetos presentes na sociedade, figuram as travestis. Elas modificam as formas de seu corpo com o intuito de torná-lo parecido com outros corpos que merecem ou devem ser incluso. Elas criam outro tipo do feminino dentro da resignificação do corpo”. Na análise de Kristeva a abjeção auxilia na explicação do indivíduo como possuidor de um corpo duplo: o que tem dentro e o que está fora dos indivíduos, ou o que é excluído e o que pertence à inclusão.

Nos estudos Queer, os gêneros são inteligíveis porque as normas que dão significados ao corpo são reelaboradas e construídas no universo da performance. Para Butler (2011, p.187) a noção de abjeção:

Designa uma condição degradada ou excluída dentro dos termos da sociabilidade humana. De fato, o que é



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

rejeitado ou repudiado dentro dos termos psicanalíticos é precisamente o que não pode regressar ao campo do social sem que represente uma ameaça de psicose, ou seja, da própria dissolução do sujeito. Quero propor que determinadas zonas abjetas dentro da sociabilidade também apresentem ameaças, constituindo zonas indubitáveis que o sujeito fantasia como ameaçadora à própria integridade, com a possibilidade de uma dissolução psicótica (ou morrer do que fazer ou ser isto).

A definição de Gênero foi reconstruída a partir da Teoria da Performatividade pela estudiosa Butler (2002, p.64) que assim descreve: “O gênero é performativo porque é resultante de um regime que regula as diferenças de Gênero”. Nesse regime os gêneros se dividem e se hierarquizam de forma coercitiva.

No universo pesquisado, as jovens travestis são sujeitos sociais que no campo das possibilidades de classe, geração, raça e sexualidade, se travestem/transforma socialmente e vivenciam uma identidade de gênero a partir de suas práticas sociais, corporais, afetivas culturais e sexuais. Elas subvertem e renunciam a ordem heteronormativa construída e imposta pela ordem social e elaboram novas práticas e performances de gênero onde se identificam como pessoas que são diferentes. Veja nessa narrativa:

“Ser travestir é ser diferente. Eu sou uma pessoa rasgada, sem nenhum medo dos comentários dos outro. Vivo minha vida como eu quero. Às vezes é difícil ser assim, mas eu gosto de provocar de ser quase uma princesa e

bela (risos). Olha minhas coxas e a minha cara, eu sou linda. Fico pensando que eu não poderia ser de outro jeito, os bofes gostam dessa mistura das duas coisas. Acho que eu confundo. Até tento não pensar na confusão da cabeça das pessoas. O que é ser travesti? É ser como eu sem uma definição exata. Fico ou acho que estou entre os dois mundos. O menino que era e a menina que é assim agora. Isto é engraçado só que eu não me escondo e vou levando a vida”. (Magnólia, 20 anos).

Na fala dessa jovem travesti, aparece uma conotação da sua identidade. Ela refere-se ao híbrido de gênero, as diferenças, a mistura ou aos trânsitos de gênero que a torna diferente. É bom ressaltar que a diferenças é um conceito essencial para entender a travestilidade e outras identidades de gênero. Na análise de Pelúcio (2011, p:125), em seu estudo realizado sobre as subjetividades travestis da cidade de Campinas, ela afirma que a diferença pode aparecer como ferramenta analítica que fornece elementos, no sentido de articular o nível micro e macrosocial. Esta autora ainda afirma que devemos trabalhar a diferença:

De maneira que possamos por em causa os processos que marcam certos indivíduos e grupos como desigualdade, os sujeitos se constituem subjetivamente. E procurar ver nas potencialidades das diferenças de se converterem em lugares de produção de identidades que resistem à normatização. Por isso me interesso aqui pelos trânsitos. Pelas experimentações que resultam muitas



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

vezes em incompreensões, expressas, nas dificuldades dessas e desses jovens em acharem um termo, um enfrentamento das normas que procuram negar as possibilidades ontológicas desses sujeitos. (PELÚCIO, 2011, p: 125)

Conforme a observação, os sujeitos sociais possuem estatutos diferenciados no mesmo espaço de trabalho, de lazer, de tempo social que os exclui da rede de significações generalizante das identidades sexuais fixas propagadas pela heteronormatividade. Na medida em que se traveste ou se transformam, os sujeitos sociais produzem diferenciações na construção das identidades sociais e sexuais.

Nesses aspectos, permite-me fazer uma leitura dos estudos do antropólogo francês Jean-Loup Amselle (1990) acerca do conceito de identidade. Para este autor, não há fronteiras culturais claras entre os grupos étnicos (fulani e os bambaras), e os indivíduos têm identidades fluídas ou múltiplas distinguindo-se de diferentes outros de acordo com as circunstâncias. Para Burke (2005, p.128) “A identidade é continuamente reconstruída ou negociada.”

Para a Política Queer adota a etiqueta da perversidade e faz uso da mesma para destacar a “norma” daquilo que é normal, seja heterossexual ou homossexual, Queer não por tanto se rebelar contra a condição marginal, mas desfrutá-la. (Gamson, 2012, p.151). O discurso de Gênero é alimentado pelas experiências das práticas e das representações do corpo como uma modalidade típica de inserção da ordem da desordem.

As literaturas, experiências e representações do corpo na modernidade esboçam uma imagem de caleidoscópio cultural dos elementos constitutivos das diversos, sentidos e expressões de gênero e corporeidades. As experiências humanas são dotadas de sentido (Verteshen), pois, pode-se compreender o comportamento dos indivíduos através da intencionalidade dos sujeitos conscientes.

No ritual cotidiano da prostituição travesti posso observar que algumas travestis transformam seus corpos em objetos desejados e reencantadores de desejos. Podem usar o corpo como elemento catalizador da dor e do prazer. No uso e abusos de seus corpos não seguem regras prescritas. No ritual da prostituição de rua elas tendem a deformar e transformar as regras prescritivas de uma sociedade da moral e dos bons costumes. Fazem da rua e da prostituição de rua uma gramática demarcada e ocupadas por sujeitos resistentes aos sistemas binários. Algumas travestis tende a organizar suas regras de espaço com seu corpo, seu jeito, sua ritmicidade que na maioria das vezes pode conflitar com as ritmicidades dos demais sujeitos sociais.

Para Aragão (2006, p.168) os sujeitos se reconhecem a partir de relações construídas nos modelos disciplinares da sociedade, onde organizam espaços e define-se performance. Pois, este autor ainda afirma que: “O dispositivo da disciplina requer do indivíduo que ele observe em seu comportamento os modos de se apresentar socialmente, seus interesses seus trânsitos, entretenimentos, pares, desejo erótico,



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

o manejo do corpo, as conquistas matéricas”.

Vale ressaltar aqui, que o sentido atribuído aos conceitos de corpo e de gênero é encarnado a partir das condutas humanas no terreno da intencionalidade que se propaga através das experiências vividas. A abordagem configuracional de corpo e de gênero pode ser interpretada a partir das dimensões de classe e etnia, com direcionamentos que se constroem, nos diversos processos sociais. As dimensões de gênero e da cultura corporal resultam de processos sociais, de produções e reproduções de práticas que são condicionadas e condicionam configurações sociais.

Para Cyrulnik (2006) as dimensões da cultura na vida humana nascem da produção dos afetos aperfeiçoados através do compartilhamento dos projetos de vida de cada sujeito. Pois para este autor (2006, p. 25) “o compartilhamento de um projeto é necessário para a constituição de um sentido”. É bom ressaltar que esse projeto origina-se no âmbito das diversidades, das diferenças e nos construtos temporais duradouros. Assim afirma Cyrulnik (2006, p.25):

Quando uma cultura tem como projeto único o bem estar imediato, o sentido não tem tempo para nascer na alma dos sujeitos que habitam essa sociedade. Inversamente, quando uma cultura propõe como único povir uma sociedade perfeita que existirá num outro tempo e num outro lugar, sempre, alhures, ela sacrifica o prazer de viver em prol do êxtase por vir.

No curso desse processo, o corpo aparece como experiência do vivido e paralelamente a esta experiência, o gênero se constrói como divergência/convergência da sexualidade, das performances e do corpo indisciplinado. É importante lembrar que historicamente o corpo sempre foi objeto de intervencionismo dos sujeitos. Nas diversas culturas humanas, simbolicamente os corpos representam inúmeras significações e por isso ele é considerado por meio da agência desses símbolos a expressão ou representação da existência objetiva e subjetiva dos sujeitos. O corpo é o lugar da passagem do transitório biosocioantropológico.

A etnografia dos costumes, dos usos e das técnicas do corpo constitui uma abordagem necessária para apreender o significado das experiências dos sujeitos na realidade mais profunda da gramática da prostituição travesti. A intenção da montagem do corpo e do gênero existe de forma significativa. Pois é um marcador de muitas alternativas de transformações transitórias de gênero. Como aponta Pelúcio (2009, p.121):

Essas possibilidades de transformação do corpo e incorporação de estilos não estão simplesmente disponíveis como peças para o consumo. Elas são aprendidas. Nesse processo são categorizadas, hierarquizadas, justamente porque nelas estão implicados a valores que se confrontam ou se adequam a discursos hegemônicos sobre corpo, (homo) sexualidade, raça, classe. A adesão a um estilo precisa ser negociada, passa, portanto, por processos racionais



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

de escolhas, ainda que não sejam sempre desta maneira pelas pessoas que as adotam.

Notar-se-á que essa pesquisa sobre a prostituição travesti abre uma porta para uma relevante discussão de gênero através das experiências das práticas do corpo como elemento constituinte e constituído de práticas, olhares e performances. A partir da literatura da Antropologia do Corpo, da Antropologia das Relações de Gênero e de outros olhares, neste trabalho de pesquisa buscou-se alimentar o debate e compreender as experiências sociais, corporais, afetivas e sexuais dos indivíduos na cotidianidade.

Nesse sentido, esta pesquisa visa contribuir, através das análises empíricas e teóricas atravessadas pela multidisciplinaridade do conhecimento com os estudos Queer, Gênero, prostituição, travestilidade e do corpo.

### REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorno. O homem sem conteúdo. Tradução de Claudia Oliveira. Belo Horizonte: Editora Autêntica. 2012.

ARRAIS, Raimundo Pereira Alencar. O pântano e o Riacho: a formação do espaço público do Recife do século XIX. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP. 2004.

BECKER, Howard. Problema de inferência e prova na observação participante. In: Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo: Hucitec, 1992.

BENEDETTI, Marcos. Toda feita: corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro. 2005.

BURKE, Peter. O que é história cultural. Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2005.

BUTLER, Judith C. Gender trouble: feminism anda the subversion of identity. New York: Routledge. 1990.

\_\_\_\_\_. Criticamente subversive. In: Jimenes Rafael M. Mérida. Sexualidades Transgressoras: uma analogia dos estudos Queer. Barcelona. Icaria Editorial. 2002

CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano: as artes de fazer. Petrópolis: Vozes. 1994.

CONNELL, R. W. Dislocation masculinity: comparative ethnographies. Londres: Routledge, 1994.

CYRULNIK, Boris. Os patinhos feios. Tradução: Mônica Sthael. São Paulo Martins Fonte. 2004.

\_\_\_\_\_. Falar de Amor à beira do abismo. Tradução: Claudia Beliner. São Paulo. Martins Fonte. 2006.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. 26ª edição. Rio de Janeiro. Editora Graal. 1979.

FREITAS, Renan. Bordel, bordéis: negociando identidades. Petrópolis. Vozes. 1985.

GAMSON, Joshua. Deben autruedestruisse dos movimentos identitários? Uno extraño dilema. In: JIMENES, Rafael M. Mérida. Sexualidades Transgressoras: uma analogia dos estudos Queer. Barcelona. Icaria Editorial. 2002.

GARCIA, Marcos Roberto Vieira. "Dragões": gênero, corpo, trabalho e violência na formação entre travestis



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

de baixa renda. Tese (Psicologia Social), USP, São Paulo.

GIDENS, Anthony. A transformação da identidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo. Editora UNESP. 1992.

GOFFMAN, Erving. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro. Editora Guanabara. 1988.

GROSSI, Mírian Pillar.

HEIBORN, Maria Luiza. Dois é par – gênero e identidades sexuais em contexto igualitário. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2004.

HELLER, Agnes. O cotidiano e a história. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra. 2008.

LOPES, Guacira Louro. O corpo Educado. Belo Horizonte: Editora: 2000. (2ª Edição).

LOURO, Guacira Lopes. O corpo estranho: ensaios sobre sexualidades e Teoria Queer. Belo Horizonte. Editora Autêntica. 2004.

MAFFESOLI, Michel. A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia. Rio de Janeiro: Gal, 1985.

MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. Tradução de Paulo Neves. Cosac Naify. 2012.

MATOS, Patrícia. A Sociologia Política do reconhecimento: as contribuições de Charles Taylor, Axel Honneth e Nancy Fraser. São Paulo: Annablume. 2006.

MINAYO, Maria Cecília. O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 6ª edição. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1999.

NIETZSCHE, Frederich, O Livro dos filósofos. Porto: Rés Editora. 1984.

NUSSBAUM, Martha. Pela razão ou preconceito Ganhar dinheiro com o corpo. Porto Alegre. Editora Themis. 2002.

PELÚCIO, Larissa. Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo da aids. São Paulo: Annablume. Fapesp. 2009.

PRECIADO, Beatriz. Multitudes queer: notas para uma política de los “anormales”. Revista Multitudes, nº 12, 20014.